

Convidado Paulo Faria*

Nocturno hospitalar com lobos

Um tradutor, sentado diante do pai num hospital, em plena noite, tenta encontrar aquilo a que Hemingway chamava “o ritmo que forma a emoção”, para assim reduzir a doença à sua insignificância

Pai. Já não entendes o que te digo, queimaste as derradeiras pontes que te ligavam à margem de cá e retiraste-te para outro lugar que espero melhor, onde não há pressa nem impaciência, onde as coisas têm menos vida e cores mortíferas ou então se calhar têm cores tão fascinantes que ficas parado a contemplá-las com imensa atenção para não perderes pitada. Talvez tenhas entendido de vez a inutilidade destes nossos gestos desconexos e desta nossa azáfama febril e, francamente, um pouco ridícula. Às vezes falas, falas contigo próprio, outras vezes com gente que está aqui no quarto e que eu não vejo. As noites num hospital são longas e silenciosas e certamente propícias à aparição de espectros vindos dos meandros do passado remoto.

Tudo isto me custa imenso, é claro. Nós, seres humanos, procuramos sempre entender as coisas, dar-lhes sentido, e, neste lugar onde me encontro, na margem de cá, os gestos que executas e as frases truncadas que proferes têm pouco nexos e angustiam-me horrivelmente, porque vejo apenas ruínas e destroços onde talvez haja uma complexa filigrana oculta que me escapa e que tu talvez teças laboriosamente para benefício de outrem.

Quase nada acontece por acaso no mundo. Quando esta catástrofe se abateu sobre nós, eu, a terminar a tradução de *A Travessia* de Cormac McCarthy, chegara àquela fase final da revisão em que imprimo todo o texto e o leio de enfiada em português para limar as arestas. À segunda ou terceira noite, quase instintivamente, percebi que teria de levar comigo qualquer coisa para te ler e deitei mão à grossa resma de páginas A4 e, chegado ao hospital, depois do processo

acidentado de te levantar da cama e de te sentar no cadeirão, sentei-me na tua frente e pus-me a ler-te em voz alta.

E então, como que por magia, as coisas começaram a fazer sentido. Cada vez que uma dúvida me assaltava, exprimia-a de viva voz, expunha-ta com todo o pormenor, pesava as vantagens e as desvantagens de escolher esta ou aquela alternativa, e tu ajudavas-me, pai, ali de pernas cruzadas no cadeirão eras outra vez, por momentos, o antigo professor universitário com os seus ares doutorais a expor as suas teses que não admitiam réplica. Quem nos vir aqui os dois dirá tratar-se de um diálogo de surdos, mas é tudo menos isso.

Quando eu era pequeno, lias-nos imenso em voz alta, mas nunca te preocupavas muito em saber se eu e os meus irmãos entendíamos o que nos lias. Não te detinhas em grandes explicações nem cuidavas de averiguar se estávamos a seguir o fio à meada da história. Lias-nos um trecho hoje, outro amanhã, outro três dias depois, ao sabor da tua conveniência, e tu próprio ias avançando na leitura quando estavas só, mas não fazias resumos nem recapitulações em benefício dos ausentes aquando da sessão de leitura anterior. O enredo evoluíra entretanto, havia personagens novas que eu não sabia quem eram e cujo papel na história me era necessário adivinhar, agarrando todas as pistas, por mais ténues que fossem. O resultado era eu deter retalhos dispersos de histórias que a minha imaginação depois preenchia o melhor possível. E quando, mais tarde, li os mesmos livros na íntegra, os fragmentos que te ouvira iluminavam-se com uma claridade especial e os enredos que eu inventara para preencher os hiatos continuavam bem vivos, a par dos enredos genuínos que então me eram



Mário Faria,
Anos 60

Em vez de te dizer “Pai, vai correr tudo bem, não te aflijas”, digo “O velho tinha uma mão erguida. Pendia, trémula, à luz parcial, separada do corpo, comum a todos ou a ninguém.”

dados a conhecer. E parece que neste mundo as coisas nunca morrem e acabam sempre por se virar do avesso, porque agora aqui estou eu a ler-te trechos de uma história sem cuidar de saber se tu lhe sabes o princípio e sem recapitular o que ficou para trás, aludindo a personagens que tu não sabes quem são, na esperança de que, no lugar para onde irás um dia, terás vagar para ler todos os livros que há e poderás então preencher os hiatos desta manta de retalhos que te ofereço.

E em vez de te dizer “Pai, vai correr tudo bem, não te aflijas”, digo “O velho tinha uma mão erguida. Pendia, trémula, à luz parcial, separada do corpo, comum a todos ou a ninguém.” E em vez de te dizer “O teu filho está aqui contigo, não tenhas medo”, digo “Este mundo nunca mais ser o mesmo, comentou o cavaleiro. Sabias?” E em vez de te dizer “Não tarda vais voltar para casa, tudo se vai resolver”, digo “É em lugares assim que Deus toma assento e congemina a destruição daquilo que tanto lhe custou a criar.” E na história d’*A Travessia* há um rapaz que captura uma loba selvagem numa armadilha e depois, em vez de a matar, quer levá-la de volta para as montanhas, no México, para a pôr em liberdade, e pelo caminho fala com ela e canta-lhe e faz-lhe confidências e não sabe ao certo se aquele ser tão nobre entende o que ele diz, mas acha que sim. E a certa altura, deitados à noite junto da fogueira, tenta olhar para a loba sorrateiramente, mas cada vez que o faz ela fita-o por sua vez, e ele finge-se adormecido e olha-a de soslaio e ela abre os olhos nesse preciso momento para o fitar, e tu fazes o mesmo, pai, olhas-me fixamente como nunca antes, um olhar impenetrável, um pouco intrigado, o olhar de um deus pagão descido à terra que depara com estas criaturas humanas um bocadinho tontas e se interroga sobre quais as suas motivações e como funcionarão as suas engrenagens. O olhar de um animal aprisionado que nos fita de trás das grades da sua jaula com uma imensa melancolia e uma nobreza indomável.

Achas que devo pôr “atrás da muralha daquele olhar vetusto, de onde não havia regresso possível para todo o sempre”, não será melhor “antiquíssimo” em vez de “vetusto”? Ajuda-me, pai, doravante esta tradução será para mim abençoada, não sei ao certo se entendes o que eu te digo, mas acho que sim, quero acreditar que sim, porque se a literatura não serve para pôr um filho a falar com um pai acossado pelas sombras, então é porque não serve para nada e isso não pode mesmo ser.

*Tradutor